

Qual a cor dos olhos de minha mãe? Reflexão crítica do corpo como produção interseccional

SABRINA THAIS DIAS DA SILVA*

FLAVIA FERNANDES DE CARVALHAES**

Resumo: No cenário da Psicologia, o debate interseccional sobre corpo, raça e gênero ainda se apresenta tímido. Logo, esta investigação tem o objetivo de problematizar a política da subjetividade, considerando as trajetórias de vida de mulheres negras analisando, mais especificamente, o conto “Olhos d’água” de Conceição Evaristo. Como percurso metodológico, se respalda na perspectiva da Escrivência que foi formulada pela pesquisadora e literata Conceição Evaristo, bem como no debate com autoras de referência epistemológicas cunhadas nos campos dos feminismos negros. O texto está dividido em quatro momentos: inicialmente, debate-se a noção de corpo que subsidia esta investigação. Em seguida, analisam-se as condições psicossociais presentes nas trajetórias de mulheres negras brasileiras. Na continuidade, problematiza-se o modo de ficcionalizar outras perspectivas de corpo e vida para além das demarcações identitárias. Por fim, afirma-se a literatura como modo de resistência, a partir da invenção e ficcionalização de mundos outros.

Palavras-chave: Escrivência; Gênero; Raça e Ficcionalização.

What color are my mother’s eyes? Rritical reflection of the body as intersectional production

Abstract: In the Psychology scenario, the intersectional debate on body, race and gender is still timid. Therefore, this research aims to problematize the politics of subjectivity, considering the life trajectories of black women, analyzing, more specifically, the short story “Olhos d’água” by Conceição Evaristo. As a methodological approach, it is based on the perspective of Escrivência, which was formulated by the researcher and writer Conceição Evaristo, as well as on the debate with epistemological reference authors coined in the fields of black feminisms. The text is divided into four moments: initially, the notion of body that supports this research is discussed. Next, the psychosocial conditions present in the trajectories of black Brazilian women are analyzed. Next, the way of fictionalizing other perspectives of body and life beyond identity demarcations is problematized. Finally, literature is affirmed as a mode of resistance, based on the invention and fictionalization of other worlds.

Key words: Escrivência; Gender; Race and Fictionalization.



SABRINA THAIS DIAS DA SILVA é Escritora e Psicóloga, membro do Grupo de Pesquisa *Entretons: Gênero e processos de subjetivação*.



FLAVIA FERNANDES DE CARVALHAES é Escritora de Cartas. Docente Adjunta B do Departamento de Psicologia Social e Institucional e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina.

Estive atenta.
Sempre gostei de ouvir histórias
As que me contaram em silêncio,
ouvi com o corpo
Como se pudesse sentir o fogo da lágrima
Quente
Que queima o olho
do outro
ao meu.

Este artigo tem o objetivo de problematizar noções interseccionais de corpo, gênero e raça que constituem o processo de produção subjetiva de mulheres negras no Brasil. A partir de debates com escritoras de referência nos feminismos negros, analiso, sobretudo, o conto “Olhos d’água” da escritora Conceição Evaristo (2016), publicado em 2014, considerando a experiência literária como um modo de resistência que se articula a partir da invenção/ficcionalização de mundos outros.

Apesar da importância de estudos acerca do corpo e suas articulações, após um levantamento bibliográfico, Joanneliese Freitas¹ et al. (2015) concluíram que, embora o tema tenha se tornado relevante e central em diversos campos, tais como a Antropologia e a Filosofia, e seja referência em estudos na área das ciências humanas, a Psicologia brasileira ainda carece de maior aprofundamento em questões que envolvem a corporalidade. A partir disso, parto do pressuposto de continuidade que a problemática do corpo tem sido pautada de forma tímida no cenário da Psicologia e, embora existam elaborações da área da psicossomática, que o situa como reflexo da psique, não há neste campo, contribuições significativas para entendermos a produção corporal em

uma dimensão interseccional.

Dialogando com Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2020), ressalto uma perspectiva de entendimento do corpo como produção interseccional. Tal qual uma referência analítica, as noções de interseccionalidade se constroem nas relações entre marcadores sociais de diferença, ou seja, remete a uma “estrutura [analítica] para explicar como categorias de raça, classe, gênero, idade, estatuto de cidadania e outros analisadores posicionam as pessoas de maneira diferente no mundo” (p. 34). Ainda nessa perspectiva, acrescento que a interseccionalidade se refere a um entrecruzamento entre marcadores sociais e sem uma ordem hierárquica de influência, atravessam o corpo simultaneamente e expõem dinâmicas de relações de poder. Desse modo, as condições de trabalho e saúde, por exemplo, não recaem sobre os corpos da mesma maneira. Arrisco dizer que, embora popularmente se entenda que o atravessamento das mesmas condições constitua uma massa supostamente constante e hegemônica, o entrecruzamento entre marcadores sociais na vida em sociedade implica na produção de diferentes corporalidades, que não se definem a partir de uma essência fixa e tampouco meramente

¹ Por decisão política, escolho referenciar o primeiro nome das autoras que compõem este trabalho na primeira vez em que as cito, a fim de evidenciar a escrita de mulheres. Entendo que, desse modo, desobedeço às normas da ABNT; contudo, estabeleço uma aliança com as lutas de mulheres do terceiro mundo.

biológica.

Sendo assim, este artigo contribui para o debate sobre corpo, gênero e raça na Psicologia brasileira, bem como para a reflexão sobre a interferência desses marcadores no processo de subjetivação de mulheres negras, partindo da interlocução com a literatura e com outros campos interdisciplinares de saberes que se debruçam em análises interseccionais. Nesta perspectiva, ressalto ainda a importância de dar continuidade à ampliação do diálogo da Psicologia com autoras de referência das epistemologias afro-diaspóricas que vêm sendo historicamente invisibilizadas no cenário acadêmico.

A partir disso, esta escrita encontra alicerce no viés qualitativo de Sonia Mansano (2012) e na proposta metodológica da escrevivência. Cunhada em 1995 pela pesquisadora e literata Conceição Evaristo, a perspectiva da escrevivência originou-se de uma escrita atravessada, reconquistando produções teóricas que se tecem imbricadas às vivências e memórias da população negra. Tem como mote a própria vida e a ficcionalização dessas experiências vividas, ou seja, uma escrita que emerge do cotidiano (MARCELO OLIVEIRA; JULIANO SAMPAIO; OLIVIA SILVA, 2021), conforme relata Conceição Evaristo em entrevista ao El País:

Escrevivência a gente pode pensar em uma escrita que é profundamente comprometida com a vida, é profundamente comprometida com a vivência, é... mesmo no processo de ficcionalização eu vou ficcionalizar a partir de fatos, de situações reais, que podem ser da minha vivência ou não, que podem ser inclusive da minha história particular, como pode ser da minha história coletiva e sempre em uma escrita marcada pela minha condição, pela minha

vivência de mulher negra na sociedade brasileira (EVARISTO, 2017, [1:51]).

Invariavelmente, considero a marca e o lugar do meu corpo nesta investigação como pesquisadora, mulher e negra. Nesse sentido, proponho uma escrita que também se articula às minhas experiências raciais e de gênero, fazendo, desta forma, uma aliança política e epistemológica com outras escritoras e pesquisadoras negras, no intuito de acionar sensibilidades analíticas e subverter representações socialmente construídas a respeito de mulheres negras. Ainda que eu decida escrever esse artigo em primeira pessoa, não reivindico uma autoria que se afirma como individual, sendo este texto uma produção coletiva. Desse modo, os debates foram também articulados em interlocução com uma pesquisadora aliada na luta contra o racismo, coautora deste texto.

No que se refere ao diálogo com parte da obra de Conceição Evaristo (2016), situo, brevemente, que o conto “Olhos d'água” ocorre em torno de uma demanda arrebatadora da personagem principal que não se recorda a cor dos olhos de sua mãe. O questionamento sobre a cor dos olhos da própria mãe ecoa de maneira que impede o movimento do cotidiano dessa mulher e, na tentativa de encontrar respostas, ela revisita memórias valiosas de sua infância, apresentando uma mãe que ficcionalizava momentos de contrariedade em seu cotidiano, como, por exemplo, a experiência da fome, ao ponto de torná-los mágicos, como modo outro de ler e sentir o mundo, ou seja, de inventar para si e para suas filhas uma outra realidade. Assim, era possível se alimentar, ainda que provisoriamente, de saborosos bolinhos de nuvens.

No entanto, a resposta à indagação “De que cor eram os olhos de minha mãe?” (EVARISTO, 2016, p. 15) não é acessada através do processo de resgate das memórias, nem mesmo após uma viagem da personagem à cidade de sua infância em busca de enxergar esses olhos sem cor. Nessa jornada, a personagem relembra que não há cor nos olhos de sua mãe, pois são “cor de olhos d’água” (EVARISTO, 2016, p. 18). A partir deste entendimento, ao final da narrativa, ela ainda se depara com o seu questionamento ecoando em sua filha, quando ela a indaga: “Mãe, qual é a cor úmida de seus olhos?” (EVARISTO, 2016, p. 19). Diante desse atravessamento, parto do pressuposto de que o conto, aborda trajetórias comuns de mulheres negras brasileiras, em intersecção com as dimensões históricas, econômicas e sociais do país ao retratar, de forma intergeracional, poética e ficcional as vivências singulares de três personagens, materializando o corpo por meio da metáfora de olhos “ou rios caudalosos sobre a face” (EVARISTO, 2016, p. 18).

O texto está dividido em quatro momentos em que debates teóricos são enlaçados aos trechos do conto analisado. Inicialmente, debato de modo interseccional sobre a noção de corpo que subsidia esta investigação. Em seguida, analiso condições psicossociais presentes nas trajetórias de mulheres negras no Brasil. Na continuidade, problematizo um modo de ficcionalizar outras perspectivas de corpo e vida para além de demarcações identitárias. Por fim, pontuo a literatura como ferramenta de resistência e ensaio algumas considerações sobre a análise realizada, ainda que eu entenda que estas são provisórias e abertas a revisão.

Corpo: o leito do rio

Apoiada em Isildinha Nogueira (2021), sugiro que o corpo seja compreendido neste estudo para além de uma estrutura física complexa e organizada, mas também como uma unidade significativa e como um arquivo de impressões, ou seja, suponho que há um conjunto de ideias pré estabelecidas que antecede a apresentação de um corpo, associações que muitas vezes não são ditas, porém, constituem as relações humanas. Logo, parto da perspectiva de beirarque a presença de um corpo causa percepções e efeitos imediatos que preexistem, isto é, o corpo não está restrito à materialidade biológica, sendo este conjuntamente constituído a partir de relações sociais e políticas. Deste modo, os signos que constituem um corpo não se restringem e se definem a partir somente do pertencimento genético à espécie humana, pois, necessariamente eles também se articulam na intersecção do sujeito com sua história e a vida em sociedade (SANDER, 2011).

Como mulher negra, aprendi desde cedo que meu corpo negro e feminino chega aos lugares antes de mim, por ser visto através das representações raciais e de gênero construídas historicamente em sociedade. Assim, pressuponho que o corpo nos invade a ponto de sua presença beirar a opressão, ou seja, suas imagens, os sentidos internalizados e recusados, os prazeres, variações e transformações se articulam de maneira coletiva (o que dizem que sou) e singular (o que se é/o que escolho ser), influenciando diretamente os processos de produção de subjetividade que estão, necessariamente, imersos em contextos históricos, culturais e sociais (SANDER, 2011).

Assim, parto do entendimento de um corpo em perspectiva interseccional, que se constitui por meio da articulação com

diferentes produções e expressões humanas, estando “inserido num determinado registro histórico, social e cultural, em que potências são convocadas, resistências articuladas, fluxos liberados, drenados, barrados” (SANDER, 2011, p. 133). Como exemplo de elementos presentes nos processos de produção de diferentes corporalidades, destaco marcadores sociais de gênero e de raça, além da Arte, enunciados científicos, proposições morais, movimentos sociais, condições políticas, tecnológicas, econômicas e regimes de verdade que circulam na vida em sociedade. Ou seja, assumo uma perspectiva que afirma o corpo como um dispositivo interseccional que se implica e produz conhecimentos por intermédio de experimentações vivenciadas ao longo de uma vida, seja por meio da derme, das relações econômicas, etárias, desejos, entre outros (WEINMANN, 2006).

O corpo como dispositivo interseccional ganha materialidade na obra de Conceição Evaristo (2016), quando a autora expõe alguns elementos que cortam as corporalidades e trajetórias de mulheres negras, nos apresentando com sutileza e, através da ficção, o olho úmido que se emociona, que proporciona acalanto e traz no leito de seus olhos d’água a beleza ancestral atravessada pela diáspora e desafios do dia a dia. Em “Olhos d’água”, ao enlaçar o questionamento acerca da cor dos olhos às trajetórias de vida das três personagens, Evaristo (2016) subverte a noção de corpo (mais especificamente de olhos) como produção meramente material e biológica e nos convida a mergulhar na indagação da personagem principal: “[...] de que cor eram os olhos de mãe?” (p. 15).

Esse olho que não se sabe a cor demarca a sensibilidade de quem “riu tanto, das lágrimas escorrerem”, alguém que “só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado” ao ponto dos “os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza” (EVARISTO, 2016, p. 16-18). Logo, parto do pressuposto de que as narrativas em torno das personagens que compõem o conto de Conceição Evaristo podem representar os percursos de muitas mulheres da sociedade brasileira, considerando que a metodologia da escrivência é um compromisso direto com a vida. E, embora o conto não elucide a cor da pele de quem questiona e de quem carrega os olhos (e olhar), eu o leio negro e isso demarca a importância do debate interseccional sobre raça, classe e gênero (EVARISTO, 2016, p. 16-17).

Em resumo, o questionamento arrebatador da personagem ecoa de maneira que a consterna e impede o curso de seu cotidiano. Enquanto busca resposta à sua pergunta, ela nos narra memórias dos modos como sua mãe cuidava das filhas em meio a uma infância atravessada por precariedades econômicas, como moradia e alimentação. Essa mãe, com olhos de difícil definição, na tentativa de poupar as filhas dos encontros com a dura realidade em que viviam, ficcionalizava cenas do cotidiano a ponto de torná-las encantadoras, apetitosas e divertidas. Entretanto, a indagação da personagem não encontra a resposta esperada nos processos de resgate de memórias e, então, viaja em busca da cor dos olhos de sua mãe. Neste percurso, ela se depara com olhos (e olhar) que assumem uma dimensão simbólica de águas correntezas, a cor dos olhos das “Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície” (EVARISTO, 2016, p. 19). A partir

desse entendimento, a personagem indaga sobre a cor dos olhos de sua filha e brinca: “que os olhos de uma se tornam espelho para os olhos da outra” (EVARISTO, 2016, p. 19). No entanto, ela se consterna novamente ao se deparar com o questionamento de sua filha: “Mãe, qual a cor tão úmida de seus olhos?” (EVARISTO, 2016, p. 19).

A pergunta da filha remete a uma produção intergeracional, “como se estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo” (EVARISTO, 2016, p. 19), ou seja, considero que o conto “Olhos d’água” nos convoca a refletir (e sentir) sobre alguns elementos individuais, simbólicos e sociais que se interseccionam nas trajetórias de vida de mulheres negras, que também se articulam à minha própria história, sendo este o debate que proponho a seguir.

De que cor são os meus olhos?

O conto de Evaristo (2016) evidencia a intersecção entre racismo e sexismo nos processos de construção das corporalidades e vida de mulheres negras no Brasil. As produções científicas e literárias dessas mulheres, por exemplo, têm sido insistentemente silenciadas e inviabilizadas nos regimes de enunciação do saber (LUCIANA BALLESTRIN, 2017). Nessa perspectiva, Lélia Gonzalez (1984) aponta essas dificuldades como uma das problemáticas que pairam sobre a história da população negra, sobretudo das mulheres negras, que estão a todo momento imersas em relações sociais que imprimem posições de subalternidade a esses corpos e, assim, empreendem lutas diárias para que seus conhecimentos sejam reconhecidos como válidos e que tenham o direito de falar e serem ouvidas.

Desse modo, a célebre pergunta da abolicionista e ativista dos direitos das mulheres Sojourner Truth em 1851, na Convenção dos Direitos das Mulheres de Ohio: “Sou eu uma mulher?”, remete à condição das mulheres negras em um sistema colonial que edifica uma noção de feminilidade que não representa as vivências e corporalidades de mulheres como Sojourner, que, por exemplo, não recebia galanteios ao andar pelas ruas, nem ao subir e descer da carruagem, que não teve os melhores lugares reservados a ela, que arrou, plantou e juntou a colheita nos celeiros (TRUTH, 1851).

Sojourner Truth ensina que a luta pelos direitos das mulheres deve considerar, necessariamente, as diferenças que as constituem. Assim, ousou acrescentar outra indagação ao questionamento da abolicionista e ativista, mas não ousou respondê-la: O que pode um corpo de uma mulher negra?

Assim como sinalizei anteriormente, há na vida em sociedade constantes tentativas de negar à população negra os saberes experienciais que envolvem a produção interseccional de seu corpo racializado na negritude, porém, este evidente processo de colonização não se articula se houver resistências, desobediências e indagações essenciais como a de Sojourner: “Se o meu copo não tem mais que um quarto, e o seu está cheio, porque você me impediria de completar a minha medida?” (TRUTH, 1851). Considerar as pautas que envolvem o racismo e o sexismo, é assumir que há contradições e interdições históricas que interferem nos processos de construção das existências de mulheres negras, bem como no percurso de cada uma de nós em busca de saber sobre si, o que a personagem principal do conto elucida ao afirmar: “Quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos

olhos de minha filha” e se surpreende quando sua filha sussurrou a pergunta: “mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?” (EVARISTO, 2016, p. 19).

Suponho aqui, e em diálogo com indagações da escritora Grada Kilomba (2019), que esses questionamentos das personagens sinalizam impasses e desafios presentes nos processos de produção das subjetividades e corporalidades de mulheres negras, sobretudo no processo de serem reconhecidas (e, muitas vezes, se reconhecerem) como sujeitos (de fala e de direitos). Diante dessas barreiras, acrescento que as mulheres negras não “se encontram [apenas na fala de si] na terceira pessoa” (p. 195), mas também, por meio de experimentações compartilhadas por corpos que têm a pele negra em comum.

Questionar-se sobre o corpo (olhos) da mãe é também questionar-se sobre si. Questionar-se acerca das limitações identitárias, sociais e políticas impostas às vastas existências corporais de mulheres negras no Brasil, implica em problematizar para além daquilo que Kilomba (2019, p. 28) chama de Outridade, ou seja, esses questionamentos passam como correntezas sobre os estereótipos e performances culturalmente construídas acerca dos corpos de mulheres negras como, fortes, selvagens, inabaláveis, que não têm tempo para indagações, sofrimentos físicos e emocionais, sem capacidade de criação, entre outras representações. Logo, a partir dessas inquietações, Evaristo (2016) convida a personagem principal (e tantos de nós) a dar início à apropriação da leitura e escrita de sua própria existência, partindo de um ponto de vista auto-definido.

Assim, o modo como Evaristo (2016) enlaça esse questionamento às trajetórias e memórias das personagens ao longo do conto, desestabiliza representações culturalmente instituídas sobre mulheres negras e nos convoca a acompanhar os processos delas em busca da nomeação própria. Esses processos são estabelecidos nos espaços privados da consciência feminina negra para “suportar e, em muitos casos, transcender os limites das opressões interseccionais de raça, classe, gênero e sexualidade”, ou seja, trata-se da criação de modos próprios de se nomear e de preservar seus valores a fim de empoderar a autodefinição e a resistir a estereótipos coloniais (COLLINS, 2019, p. 181).

Desse modo, ao assumir protagonismo na narrativa (e talvez vida), a personagem principal do conto “Olhos d’água” acompanha a liberdade de escolher o que a compõe e a de “se ver refletida em sua complexidade como boa e má, forte e fraca, amarga e doce” (KILOMBA, 2019, p. 195), assim como vislumbro no comentário da personagem: “Entre um afazer e outro, eu me pegava pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe”. (EVARISTO, 2016, p. 15)

Ademais, o conto nos apresenta um trecho no qual suponho que a personagem compreende parte dos saberes coletivos que circulam como estratégia silenciosa de enfrentamento das dificuldades vivenciadas no cotidiano e que também compõem o viver de sua mãe:

[...] desde cedo busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha mãe, aprendi a conhecê-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer, em seus gestos,

prelúdios de possíveis alegrias (EVARISTO, 2016, p. 16).

E, assim como analisa Collins (2019, p. 181) “o silêncio não deve ser interpretado como submissão a essa consciência coletiva autodefinida das mulheres negras”, mas como movimento de resistência possível.

Por fim, destaco que o conto “Olhos d'água” opera no sentido de desestabilizar representações hegemônicas construídas sobre as mulheres negras, ao situar também a complexidade, resistência e criatividade de suas existências, assim como elucida o trecho destacado a seguir: “Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía” (EVARISTO, 2016, p. 17). Afirmo que este trecho também (e, talvez, principalmente) torna visível a potência de ficcionalizar mundos outros para si, debate que articulo no subtópico a seguir.

Ficcionalizar mundos outros

[...] bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes, colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. As flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só

ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado (EVARISTO, 2016, p. 17).

Ficcionalizar significa reinventar o fato através da ficção. Para que haja o momento de superar o que se apresenta como imutável, é necessário imaginar um mundo onde a ideia de imutável não exista. No trecho acima, destacado do conto “Olhos d'água”, noto que essa liberdade imagética de ser princesa e contemplar a rainha mãe se configura como um modo de resistência por ficcionalização de representações de realidade em um mundo dissidente, em que demarcações econômicas e culturais possibilitam a mãe rainha alimentar simbolicamente suas filhas. Suponho que Evaristo (2016), por meio de sua escrita, nos apresenta a ficcionalização num contexto de enfrentamento à fome, não como uma sentença, mas como uma ferramenta estratégica de uma mãe/mulher que desobedece à posição de subalternidade e assume posição de rainha.

Parto do pressuposto, portanto, de que a articulação da vida com a arte, em destaque nesta investigação, com a literatura, pode se afirmar como uma oportunidade para acionar processos de percepção de si, ficcionalizar e inventar outros mundos e modos de existência e, mais especificamente nesta análise, de outras corporalidades e representações relacionadas às mulheres negras.

Sendo assim, como analisa Sander (2011), é a partir da relação com a arte que é possível engendrar modos outros de compreender e experimentar o corpo (e a nossa existência), seja pela via da materialidade transformável, palpável e evidente, alicerçadas nas ciências biológicas, bem como da via da inquietude que explora as potências inauditas das produções literárias, artísticas e das experiências que

compõem o viver.

Suponho que ficcionalizar um mundo possível diante da realidade apresentada seja uma das alternativas para lutar com o que se tem em mãos. Isso, contudo, não descarta o combate necessário às barreiras que essa realidade nos impõe. Trata-se de compreender que, para transformá-la, é preciso criar uma nova realidade que sustente os saberes autodefinidos, assim como fez a personagem de Evaristo (2016) ao enfrentar a fome pela segunda vez:

[...] ficamos contemplando as artes das nuvens no céu. Umas viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão doce. A mãe, então, espichava o braço, que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também” (EVARISTO, 2016, p. 17).

Ainda, apoiada em Walidah Imarisha (2016), compreendo que o ato de ficcionalizar um mundo diferente do que está posto agora é o primeiro passo para o fazer existir e se aproximar de uma perspectiva de movimento em relação a uma existência que se apresenta supostamente fixa, ou seja, “é somente por meio da imaginação acerca do assim chamado impossível que podemos começar a concretamente construí-lo” (p.4).

Acrescento, por fim, que o conto de Evaristo (2016) e sua escrita se interseccionam ao corpo negro acionando modos outros de existir e que são ficcionalizados por meio da literatura. De forma escrevvida [sic], pontuo, ainda, que a minha escrita, metalinguisticamente, se assume também como ficcional quando recusa a

ordem causal que se exprime neste processo investigativo, a ponto de eu não ter mais que comer rápido bolinhos de nuvens para que não derretam juntos aos meus anseios e me permita, assim, escrever independente da nuvem. Uma nuvem que paira sob o meu e outros corpos negros esperando que esses se mantenham apenas no mormaço da dor diante de discussões raciais.

Assim, este artigo decidiu estabelecer uma aliança com “Olhos d’água” e abrir espaço aos “rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície” (EVARISTO, 2016, p. 19), convidando novas escritas que tenham como aparato as potencialidades possíveis que se tecem na interlocução literária.

Considerações provisórias

Este artigo se insere no debate acerca dos processos de produção da subjetividade, considerando a análise interseccional entre corpo, gênero, raça e literatura no cenário da Psicologia Social. Ainda nesta perspectiva, contribui também para ampliar a interdisciplinariedade no campo da Psicologia, sobretudo com autoras e literatas de referência dos feminismos negros a fim de subverter o ponto de vista daqueles/as que são posicionados em espaços simbólicos como subalternos/as, o que implica, necessariamente, que suas produções sejam sistematicamente inviabilizadas.

Considero, por fim, que esta investigação, ao encontrar apoio na escrita escrevenciada [sic], se alia a outras produções que desobedecem normas ao reivindicar a própria experiência encarnada e sensível como sul. Assim, me parece que avançamos no cenário da Psicologia e no debate sobre as questões raciais na medida em que se vai além da denúncia de uma estrutura

social racista, tornando evidente os processos de criação de mulheres negras por meio da escrita, ou seja, por meio um corpo que se autodefine.

Referências

ANDRADE, E. Democratização da formação em psicanálise: por um giro antirracista. **Traço: Revista de psicanálise do instituto gerar**, n. 8, 2022.

BALLESTRIN, L. Feminismos Subalternos. **Estudos Feministas**, v. 25, n.3, p. 1035-1054, 2017.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

EVARISTO, C. **Entrevista com Conceição Evaristo**. [Vídeo]. El País, 28 jul. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wnB4YsSj1nA>. Acesso em: 17.05.2023.

EVARISTO, C. Olhos d'água. In: EVARISTO, C. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016. p. 15-19.

FREITAS, J. L., BEVILACQUA, C., CASTILHOS, J. C., MICHEL, L. H. F. e PÉRTILE, C. Corpo e psicologia: uma revisão da produção científica brasileira na primeira década dos anos 2000. **Psicologia em Revista**, v. 21, n. 1, p. 66-86, 2015.

GONZALES, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**

(Anpocs), p. 223-244, 1984.

IMARISHA, W. **Reescrevendo o futuro: Usando ficção científica para rever a justiça**. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, n. 32, 2016.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MANSANO, S. R. V. Alguns desafios colocados para a pesquisa qualitativa na contemporaneidade. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 12, n. 136, p. 1-9, 2012.

NOGUEIRA, I. B. **A cor do inconsciente: Significações do corpo negro**. São Paulo: Perspectiva, 2021.

OLIVEIRA, M. J.; SAMPAIO, J. C. C. & SILVA, O. A. Entre e para além da literatura: um estudo da noção 'escrivência', de Conceição Evaristo. **Nau Literária**, v. 17, no 2, p. 166-194, 2021.

SANDER, J. Corpo-dispositivo: cultura, subjetividade e criação artística. **ArtCultura**, v. 13. n. 23, p. 129-142, 2011.

TRUTH, S. Discurso proferido como uma intervenção na Women 's Rights Convention em Akron, Ohio, Estados Unidos. 1851. Disponível em <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em 02.05. 2023

WEINMANN, A. O. Dispositivo: um solo para a subjetivação. **Psicologia & Sociedade**, v. 3, n. 18, p. 16-22, 2006.

Recebido em 2024-07-12

Publicado em 2025-06-27